

O Pele de Burro

→ **Classificação do Conto:**

- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 314 *O Jardineiro do Rei (Goldener)*.
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Julho de 2007.

→ **Assunto:** Um príncipe perdido sujeita-se a trabalhar para um grupo de ladrões. Depois de liberto, o príncipe passa-se por plebeu e, com ajuda de três cavalos mágicos, conquista o trono de um reino vizinho.

→ **Palavras-chave:** Alentejo, alforge, almoço, animais, banho, batalha, borrego, brasa, burro, caça, casamento, cavalo, coroa, coxo, criança, dinheiro, duque, enganar, espada, estandarte, ferreiro, ferrugenta, festejo, Ficalho, filho, flor, gatuno, genro, guisado, jardim, jardineiro, mãe, marques, melão, nádega, nevoeiro, pai, palácio, pele, prenda, princesa, príncipe, purgante, rainha, rei, ribeira, rícino, sardinha, Serpa,

→ **Região:**

- **Região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Serpa
- **Localidade:** Ficalho

→ **Contador:**

- **Nome:** Francisco Galamba
- **Data de nascimento:** 31/10/1922
- **Residência:** Ficalho

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Cristina Taquelim
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2006
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:35:42 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Outubro de 2007
- **Palavras:** 4829

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Maio 2010
- **Palavras:** 4634

→ **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri

O Pele de Burro

«Era uma nação e (tinha) havia lá o rei e a rainha. E tinham um filho, só um filho único. E o filho foi crescendo, crescendo, crescendo, chegou a (ser) homem.

Quando era já homem, tinha uma cegueira com a caça que era, era uma desgraça com a caça. Ia todos os Domingos, todos os Sábados e os Domingos sempre, sempre, sempre. Não estava nunca com os pais, ia sempre à caça. Ao Sábado e ao Domingo atão⁽¹⁾ era sempre. Sempre, na⁽²⁾ falta[va]. Nunca passou um Domingo com os pais.

E o pai como era rei (quem ia à caça eram os conselheiros do rei, iam com o filho à caça) e foi o rei e proibiu os conselheiros:

[Rei:] – *(Vocês) amanhã é Domingo (amanhã o meu filho tem) – eu faço anos – e o meu filho tem que passar os anos na minha companhia⁽³⁾ e proíbo-vos a vocês de irem à caça. E em vocês na' indo, ele também na' vai.*

Mas que [o príncipe] foi lá prò⁽⁴⁾ sítio onde se juntavam, ele à espera, à espera. Não vêm... Diz ele logo:

– *Isto é coisas de meu pai! Mas eu vou à caça! Vou sozinho e vou à caça!*

Abalou⁽⁵⁾. Foi à caça sozinho. Foi indo, foi indo, foi indo. Caçando até que se fez de noite. Quis voltar pra casa e já na' foi capaz. Perdeu-se! Perdeu-se, na' foi capaz de voltar. Perdeu-se. Foi mais pra diante um bocado, havia uma ribeira – uma ribeira...

[Príncipe:] – *Eu vou-me a deitar aqui até que se faça de dia.*

Ficou ali deitado ao pé da ribeira. Lá por essa noite adiante, vêm três gajos. Cada um *a cavalo em seu cavalo*⁽⁶⁾. Um com um cavalo branco, outro de cavalo preto e outro de cavalo vermelho. Chegaram ali, ele 'tava dormido. Um desceu, bateu-lhe além⁽⁷⁾ nos pés:

[Gatuno⁽⁸⁾:] – *Ó amigo! Arrriooo! Ah! Anda com a gente⁽⁹⁾! Então o que está você aqui fazendo?*

[Príncipe:] – *Olha, 'tou aqui à espera – disse ele.*

Eles a'pois⁽¹⁰⁾ tinham um sinal qualquer, que era o sinal de príncipe, mas ele tapou (que eles na' chegaram a saber que ele que era príncipe). Tapou os sinais.

[Gatuno:] – *Ah! Que 'tá aqui a fazer?*

[Príncipe:] – *Olhe, 'tou aqui à espera. Eu sou *tocador de gado*(11). À espera de um que havia de vir com gado, pra [o] levar pra outro lado.*

Disse [um:] – *Não! Vá! Monte-se aqui num cavalo com a gente e vamos embora!*

(Levaram, andaram...) Eram três gatunos. Levaram-no. Oh, sabe Deus até onde! Meteram-se direito a um monte. Chegaram lá meteram-no lá numas covas dum barranco(12) de mato. Meteram-no lá pra uma casa.

[Gatuno:] – *Vá, 'tás aqui... Agora estás aqui um ano!* – Disseram no outro dia, de manhã, quando se levantaram.

Abriam um portão, um quintalão grande com galinhas, perus, borregos, porcos, chibos(13)... Ali havia de tudo. Eles eram gatunos, na' lhes faltava nada!

[Gatuno:] – *Agora estás aqui um ano! Tens que fazer comer pra gente. Matas aí o que tu quiseres, fazes comer. Há aqui comer e beber... 'Tás aqui um ano! Se te portares bem, se fizeres a comida, ao fim de um ano pomos-te lá onde tu quiseres.*

Bem, o homem o que pensou, disse:

– *Bom, tenho que me *deitar à vida*(14)!*

Põe-se além um borrego, matou-o, fez um guisado(15) – uma coisa bem-feita. Ele sabia tratar disso. E não devia comer mal, pois tinha fartura. Fez um guisado. Quando eles vieram, que viram aquilo, ficaram todos satisfeitos!

[Gatuno:] – *Pois, pronto! Já sabes: se tu portares assim, no fim do ano, sais daqui. E não sais sozinho!* – Pois, quer dizer que lhe pagavam!

Depois 'teve ali um ano. Ao fim de um ano, à noite, quando acabaram de jantar dizem-lhe:

[Gatuno:] – *Bom, já sabes. Já completaste um ano, amanhã podes ir para onde tu queiras que a gente vai-te a levar.*

[Príncipe:] – *'Tá bem!*

De manhã, quando se levantaram beberam no café.

[Gatuno:] – *Vá! Anda cá!* – Puseram um alforge⁽¹⁶⁾ grande. – *Leva lá este alforge.* – Abriram ali um quarto, estava cheio, cheio de dinheiro! – *Vá! Enche lá aí o alforge.*

[Príncipe:] – *Cá... Atão, agora?! Ah! Na' é preciso, ponham-me...*

[Gatuno:] – *Pra onde é que tu queres ir?*

[Príncipe:] – *Eu só quero que me ponham em terra onde haja mato.* – Pois que ele conhecia, onde ele ia à caçada.

[Gatuno:] – *Não! Leva lá dinheiro! Cala-te!* – Lá lhe encheram o alforge de dinheiro, porem-lhe⁽¹⁷⁾ o alforge cheio de notas. – *Vá! Vamos-te a pôr onde haja mato.*

Lá o poram. Foram com ele. Foram, foram, até que ele conheceu. Conheceu o terreno, disse:

– *Bem, já me podem deixar que eu daqui já sei ir prò meu destino.*

Os outros...Ah! Mas e os outros a'pois disseram-lhe:

– *Olha* – quando o deixaram – *quando te vejas nalgumas aflições, ou tenhas falta de alguma coisa, brada⁽¹⁸⁾ plo cavalo branco!*

E depois disseram-lhe os três a me'ma⁽¹⁹⁾ coisa. Depois outro disse que bradasse pelo cavalo preto e o outro pelo cavalo vermelho quando tivesse falta de alguma coisa. E o alforge cheio de dinheiro às costas.

[Gatuno:] – *Vá! Vai-te embora.*

Ele **apanhou uma brisa adiante** e foi-se embora. E lá já muito adiante, vinha um com um burro, com duas canastras⁽²⁰⁾ de sardinhas em cima do burro, pra vender as sardinhas. Mas o burro ia sozinho – o homem tinha ficado **arriando a calça**⁽²¹⁾, mais atrás, e o burro foi seguindo adiante.

Ele vê o burro com o carregado das sardinhas, puxou da navalha. Cortou além a corda do burro, tirou as sardinhas, foi-se ao burro. Matou o burro! Cortou a goela do burro, matou-o.

Chegou, vai o sardineiro(22):

– *Eh! Você já, já matou o *pai dos meus filhos(23)*! O burro era o pai dos meus filhos! Atão, *como é que eu agora me governo*(24)?*

Diz o homem. Disse:

– *Deixe! Tá calado! Apare(25) lá aí o chapéu!*

Ele aparou o chapéu, o sardineiro. Ele passa além o alforge, encheu-lhe o chapéu de notas.

[Sardineiro:] – *Ehhh! (...) Já 'tou governado prò o resto da minha vida!* – Foi-se embora.

[Príncipe:] – *Leve as sardinhas!*

[Sardineiro:] – *Não! Não levo as sardinhas, não levo nada!*

Foi-se embora com o chapéu cheio de dinheiro que o outro lhe tinha enchido.

Bom, ele matou o burro. O sardineiro foi-se embora. Tirou-lhe a pele toda muito bem tiradinha com a cabeça, patas, tudo. Tirou-lhe a pele.

Quando chegou ali a um povo mandou a *curtir a pele*(26), toda muito bem curtidinha. A'pois foi a uma casa de um alfaiate(27). Mandou fazer um [fato] (o me'mo que se faz um fato-macaco) com a pele do burro – mas que é o conto: é o do Pele de Burro. – Fez aquilo. Assim que apanhou aquilo, enfiou aquilo e já não o despiu. Mas (em vez), depois pensou:

– *Se hei-de ir para casa de me' pai...Ele é que foi o culpado! Eu agora na' vou!*

[Se] havia de ir para aquele país, foi para outro país que havia vizinho onde havia um rei, rainha e três filhas. Tinham um jardim grande (tinham uma quinta grande e tinham um jardim grande) e havia lá um jardineiro(28). E ele foi a bater lá à porta do jardim a pedir trabalho.

[Jardineiro:] – *E tenho bastante falta! Olhe, fique pr'aqui, mas tem que se esconder além do palácio.* – Aquilo era pegado ao palácio: uma quinta grande e um jardim e isso tudo.

[Príncipe:] – *'Tá bem! Deixe que eu não me aproximo d' além.* – E lá ficou.

Assim, passado já uns tempos de ele estar lá, elas eram três filhas e diz, diz a filha mais velha, disse-lhe:

– *Olha, amanhã há-de de mandar aqui prò palácio três melões. Um maduro demais e outro mesmo na conta já e outro que esteja assim já encascado*(29) – *já capaz de comer, mas se ‘tivesse lá mais uns dias na mãe...*

[Jardineiro:] – *Ah! ‘Tá bem.*

O jardineiro foi, no outro dia, pegou nos melões. Escolheu um já maduro demais e outro bem maduro e o outro que ‘tava já assim-assim(30). Levou-os prò palácio.

A filha apanhou-os e, guardou os melões. No outro dia, quando acabaram de jantar diz ela assim pra criada:

– *Traga lá aquele melão!* – Que era o mais maduro. – *Parta-o lá, pai! Prove lá.*

[Rei:] – *Atão...Oh! Eh... ‘Tá já muito maduro! Este ‘tá já muito maduro!*

[Princesa:] – *Traz lá ali o outro. – Partiu. – Parta lá este, pai!*

O pai partiu o melão.

[Princesa:] – *Prove lá!*

[Rei:] – *Eh! Este está mesmo na conta!*

[Princesa:] – *Traz lá o outro! Atão e este?*

[Rei:] – *Este está assim-assim. Mas se estivesse lá mais uns dias na mãe não fazia mal.*

[Princesa:] – *Mas, olhe pai, assim estamos a gente.*

[Rei:] – *Atão?*

[Princesa:] – *Olhe, eu já me devia ter casado! E aqui a mana ‘tá me’mo na conta! E a outra na’ se casando... – Que era a mais nova.*

Diz [o rei]: – *Ai, sim?! Isto tem volta (...). ‘Tá bem! Vai-se a tratar disso! Vai-se a tratar disso...O pai compra as prendas e entrega-lhe[s]. E vocês a depois escolhem(-no) um noivo.*

Mas neste entremeio⁽³¹⁾, o príncipe um dia – elas tinham piscina cá no jardim, perto, e lá na quinta havia um tanque –, e ele um Domingo, o jardineiro foi a passear e, o príncipe foi-se a banhar lá ao tanque e a mais nova, lá da janela, viu. Ele foi a banhar com o calção e ela viu-lhe os sinais que ele tinha de príncipe (na' sei se era algum colar ao pescoço ou qualquer coisa com o sinal de príncipe).

Disse [a mais nova], o jardineiro foi ao palácio e ela disse-lhe:

– Diga amanhã ao Pele de Burro, às tantas horas, que colha um ramo de flores e venha-o a trazer ao palácio. Ao palácio!

Mas que ele...O jardineiro disse, e colheu o ramo de flores, e o Pele de Burro foi-lhe lá levar. Já o pai lhe tinha dado as prendas do casamento que elas haviam de dar. Mas que ele foi e ia subindo as escadas [e] ela, no meio das escadas, a receber o ramo de flores meteu a mão à algibeira e deu-lhe um coiso, a prenda. Ele soube logo o que era!

E depois delas terem as prendas o pai disse-lhe, o pai delas disse-lhe:

– Bom, a partir de Domingo – era do outro domingo que havia de vir – vai haver festejos reais, três dias, pra vocês escolherem – entregarem as prendas – e escolherem os seus maridos. Quem h[ã]o]-de ser os seus maridos.

Atão, ela já tinha entregado. A dela já ela tinha entregado – assim que viu que ele era príncipe entregou-lhe a prenda.

(No fim dos três, do,) quando chegou o dia começaram nos festejos reais. Iam a começar o jardineiro, que tinha o que carregar e fazer, levantou-se cedo:

[Jardineiro:] *– Eh! Pele de Burro! Tens que ir. Tens que ir aos festejos, aos festejos reais, para veres uma coisa que a gente nunca viu! Tens que ir aos festejos reais!*

[Príncipe:] *– Na' vou! Oh! Enquanto você vai, fico eu aqui no espejoiro⁽³²⁾. Fico-me eu aqui espojando aí numa sombra, aí deitado. Fico aí espojando.*

Bom, chegou a altura dos festejos. O outro abalou para os festejos e ele ficou ali. O jardineiro foi-se embora. Dali a bocadinho, ele:

– Valha-me o meu cavalo branco! (...) Valha-me o meu cavalo branco!

[Cavalo branco:] *– O que é isso que queres?*

[Príncipe:] – *Quero uma vestimenta branca e quero que não haja ninguém lá no – pois ninguém o conhecia – não haja lá ninguém que faça a figura que eu faça. – Ele foi com o cavalo branco.*

Assim que entra lá nos festejos (aquilo era cavalos e cavalos e ele...) e elas viam que ele que era príncipe – *zumba!* – a acenar-lhe com as prendas... E ele na' lhe ligava nada. Bom, foi assim os festejos inteiros. Ali uma meia hora antes de aquilo acabar, veio-se embora. *Tuca!* Mandou o cavalo embora. E ele foi para o, para o espejeiro. Quando o outro veio, o jardineiro:

– *Eh! Pele de Burro! Eh! Amanhã, nem que eu te *leve à rojo*(33)! Amanhã tens que ir, que é para veres o que a gente ainda nunca viu! Uma coisa tão bonita! Tão lindo! Tens que ir! E se tu visses um que andava lá...Com um cavalo branco e uma farda branca e as princesas acenando-lhe com as prendas e ele na' apanhou nenhuma! Amanhã tens que ir! Nem que eu te leve à rojo!*

[Príncipe:] – *Ai! Vou o me'mo que fui hoje!*

Bom, no outro dia, o jardineiro pôs-se [de roda] dele:

– *E tens que vir! E tens que vir!*

[Príncipe:] – *Na' vou. E na' vou! E na' vou!*

O jardineiro foi-se embora e ele ficou. Foi só ele. Vá por lá um bocado.

[Príncipe:] – *Valha-me o me' cavalo preto!*

[Cavalo preto:] – *O que é isso que queres?*

[Príncipe:] – *Quero uma farda preta. Um fato preto. E que ainda brilhe mais que ontem! – Oh! Foi para lá.*

Elas vai de acenar. E ele, de cavalo, de um lado para o outro. Elas a acenar... Metiam-se entre o cavalo... E ele na' aceitou nada, na' ligou a nada! Veio-se embora.

Vem o jardineiro:

– *Eh! Pele de Burro! Amanhã é que tu tens que ir! Se tu visses o gajo hoje! Ainda ia melhor! Muito mais bem vestido! Mais bem trajado! Que coisa tão linda! Amanhã tens que ir. Porque olha... Amanhã é preso! Porque o rei... O rei disse! Porque as filhas oferecem*

-Ihe as prendas e ele não aceita! Não aceitou prenda nenhuma! Amanhã põe lá a guarda e prendem-no! Ele, amanhã, é preso!

[Príncipe:] – *E ele deixar-se-á prender?! – disse ele. – Ele deixará prender?!*

[Jardineiro:] – *Não, homem! Atão prendem! O rei põe lá a guarda de cavalaria e apanham-no!*

[Príncipe:] – *Ah! 'Tá bem! Deixa!*

No outro dia:

[Jardineiro:] – *Anda! E tens que ver, que é para prender... Para ver se prendem-no... Saberem quem ele é! Tens que vir!*

[Príncipe:] – *Na' vou! Vou o mesmo que fui hoje!*

Bom, no outro dia, o jardineiro pa' [ele] (se) ver:

– E anda Pele de Burro! E anda!

[Príncipe:] – *Na' vou! Na' vou!*

Ele abalou. E ele:

[Príncipe:] – *Valha-me o meu cavalo vermelho!*

[Cavalo vermelho:] – *O que é se quer?*

[Príncipe:] – *Quero uma vestimenta vermelha que *faça resplendor*(34)! E querem-me prender! Que ninguém me consiga apanhar!*

Montou-se no cavalo e lá, assim que ele lá entrou, os guardas do rei (...) dum salto... Chegava lá do outro lado e eram os outros, que 'tavam lá do outro lado, davam um salto... E elas acenando...Fartaram-se de brigar, não foram capazes de o apanhar. Veio-se embora. Veio-se embora.

Elas, a depois, as outras duas: uma deu a prenda a um conde e a outra deu a um duque (e a outra deu a um marquês). Pronto, foi a quem entregaram as prendas. Bom, vá tudo a caminho do palácio. E aquela na' entregou a prenda a ninguém, pois já a tinha dado...

Transcrições integrais / Serpa / O Pele de Burro

Ao fim daquilo acabar, os festejos, o pai faz um almoço lá em casa com os conselheiros todos. Convidou os conselheiros todos que pertenciam lá ao governo (e o rei) para irem lá almoçar, pràs filhas dizerem a quem tinham entregado as prendas. Poram-se lá ao almoço, acabaram de almoçar:

[Rei:] – *Bom, vá minha filha – pa' dizerem a quem entregaram as prendas –, vá minha filha mais velha, a quem entregou a prenda?*

– *Entreguei a minha prenda ao duque de tal parte.*

[Rei:] – *Pronto, apoiado. – Começando tudo a bater as palmas. – Apoiado. Vá, a minha filha do meio, a quem... A quem entregou a prenda?*

[Filha do meio:] – *Entreguei ao marquês de tal parte.*

[Rei:] – *Eh! Apoiado, apoiado. – Vá de bater as palmas! – Atão e a minha filha mais nova? A quem entregou a prenda?*

[Filha mais nova:] – *A minha prenda entreguei ao Pele de Burro!*

[Rei:] – *O que é que tu dizes? O que é que tu dizes?*

[Filha mais nova:] – *Entreguei a minha prenda ao Pele de Burro!*

[Rei:] – *Não te mando a matar porque és minha filha! Mas é já tratarem-se dos casamentos. Quanto mais depressa, melhor! Que é para te pôr daqui para fora!*

Bom, começaram logo a tratar dos casamentos pra se casarem. Ele foi-se a casar com a pele de burro! Maneira que, quando chegou o dia dos casamentos, foi o casamento.

[Rei:] – *E o Pele de Burro tem... Ah! – Ele a dizer [que] foi com a pele de burro que foi-se a casar!*

E o pai, na ponta da quinta (que a quinta era uma herdade grande), lá na ponta, tinha uma vivenda, um monte pra lá:

[Rei:] – *Vais lá pa' tal parte! Na' te quero ver aqui mais no palácio!*

Foi para lá, andou pra lá mais ele. E que ele trabalhava na quinta, ela foi pra lá. Casaram-se. Ela foi pra quinta e os outros ficaram no palácio lá (...).

O rei, como naquela inquietação ou modo daquilo ou que é que foi, pôs-se doente. Doente, mas muito doente! Muito mal! Pôs-se muito mal que... Foi lá, chamaram o médico. Foi lá o médico receitou-lhe um *purgante de óleo de rícino*(35). Só havia lá um disparate qualquer de longe... Era um disparate: tinham que atravessar mato e coisa pra chegarem lá aquele sítio onde havia essa farmácia com o óleo de rícino.

Oferecem-se os genros pra irem buscar o purgante. Naquele tempo, não havia transportes, era só com cavalos! Os dois genros...

Foi o príncipe escreveu um papelinho e mandou ao rei. Também queria ir a buscar o purgante.

[Rei:] – *Dêem-lhe um cavalo coxo e uma espada ferrugenta. A ver se os lobos o comem, aí no caminho!*

[Súbdito:] – *‘Tá bem!*

Os outros abalaram a buscar o purgante. E ele a... Ele foi no cavalo coxo. Depois, quando saiu ali fora da parede que [viu] os outros a desaparecerem, [disse:]

– *Valha-me o meu cavalo preto!*

[Cavalo preto:] – *O que é isso que quer?*

[Príncipe:] – *Quero uma vestimenta preta e, quando os meus cunhados chegarem à farmácia, que eu seja o dono da farmácia que é para vender o purgante.* – Bom, montou-se no cavalo.

Quando os outros chegaram à farmácia ‘tava lá o farmacêutico.

[Genro:] – *Atão, o purgante?*

[Príncipe:] – *‘Tá, sim senhor!*

[Genro:] – *Atão? – A aviar(36). – Quanto é o purgante?*

[Príncipe:] – *Ah, o purgante fica-lhe barato.*

[Genro:] – *Atão e quanto é?*

[Príncipe:] – *Quanto é?! Entregando as prendas que as suas noivas... Entregando as prendas que as suas noivas deram nos festejos, nos festejos reais, levam o purgante! De outra maneira não o levam! Não há dinheiro que pague isso!*

Eles vieram cá prà rua:

[Genro:] – *Atão e agora?*

[Genro:] – *A gente temos que o levar... É melhor levarmos o purgante! Ah! O nosso sogro nunca chega a saber que a gente que deu as prendas. Levamos o purgante.*

Foi. Puxaram das prendas, deram-lhe. Deu as prendas a ele e apanharam o purgante. Foram-se embora. Quando eles vinham para cá com o purgante, encontraram-no a ele! E ele montado no cavalo coxo e com a espada ferrugenta.

[Genro:] – *Eh! Atão agora é que vais?! Volta pa' trás homem que a gente já leva aqui o purgante! Volta pa' trás!*

[Príncipe:] – *Ah! Atão... Vocês fazem bem, 'tão lá às sopas⁽³⁷⁾ do nosso sogro. Mas eu não preciso disso! – E eles – prendas! Nada de ver!*

[Genro:] – *Ah! Volta pra casa.*

Foi. Voltou(-se) para trás. Pois o que é que havia de fazer?

Os outros chegaram lá, o rei todo contente. Foi tomar aquilo, pôs-se bom. Pôs-se bom...

No fim de pouco tempo, arma-se uma revolução qualquer que vão lá ao palácio e roubam o estandarte do rei. Já o levavam roubado. Já roubaram, pronto, era como se fosse um golpe de Estado. Roubam-lhe o estandarte, já uma batalha, logo!

Os genros ofereceram-se logo pra irem para a batalha, pra defender... A ver se apanhavam o estandarte. Ele atirou-se – logo um officozinho ao rei pra ir também.

[Rei:] – *Dêem-lhe o cavalo coxo e a espada ferrugenta! A ver se há uma bala que encalhe com ele!*

[Súbdito:] – *'Tá bem!*

Amontou-se⁽³⁸⁾ num cavalo. Quando saiu ali fora:

[Príncipe:] – *Valha-me o me' cavalo branco!*

[Cavalo branco:] – *O que é isso que quer? O que quer?*

[Príncipe:] – *Quero que se arme aí um nevoeiro – e montado num cavalo branco! – E, quando retire o nevoeiro, que ande eu montado no cavalo coxo com o estandarte do meu sogro à frente!*

Oh! Pois armou-se um nevoeiro que foi um disparate! Não se viam uns aos outros! – Aquilo com o cavalo branco! – Armou-se um nevoeiro, nem os outros o viam! Quando a névoa retirou andava ele a cavalo no cavalo coxo com o estandarte. Tinha apanhado. Tinha ganhado o estandarte! Com o estandarte...Ai, os outros! Assim que se tira o nevoeiro que vêem o outro!

[Genro:] – *Eh! Eh, Jesus! Isso não pode ser! Atão, como é que isso vai ser? Agora apresentar-se o Pele de Burro com o estandarte do nosso sogro à frente? E a gente com uns cavalos destes, do melhor que há, e umas armas boas! Umas espadas boas e ele com uma espada ferrugenta! E um cavalo coxo! E leva o estandarte! Na' pode ser! Ó Pele de Burro, pede lá dinheiro! A gente dá-te o dinheiro que tu queiras e tu das o estandarte à gente, homem!*

[Príncipe:] – *Ah! Trabalhassem! Que assim fiz eu! Trabalhassem, que assim fiz eu! Olha... Só há uma solução! E não sendo assim, não o levam.*

[Genro:] – *Atão o que é?*

[Príncipe:] – *É irmos aí *à de um ferreiro*(39) e eu marco além as letras da, da marca do gado do me' pai. E faz-se, além, a brasa e aí numa nalga⁽⁴⁰⁾ de vocês, feita em brasa, são ferrados!*

[Genro:] – *Eh, rapaz! Não! Isso não! Atão, isso dói muito!*

[Príncipe:] – *Atão e que na' doa! Também a mim me dói ter que entregar o estandarte! Na' sendo assim não o levam!*

Eles começaram a pensar: – *Eh! Mas tem que ser...?*

[Príncipe:] – *Tem que ser!*

[Genros:] – *Atão, vamos...*

Transcrições integrais / Serpa / O Pele de Burro

Foram ali à dum ferreiro. Ele fez além, escolheu as letras da marca do gado do pai dele, põe além aquilo na forja. Vai de dar ar. Quando ‘tava ali bem em brasa ...

[Príncipe:] – *Vá! Entre prali...* – Pra uma casinha que havia ali. – *Um baixe as calças!* –

Baixou as calças. Além na nádega – *zás!*

[Genro:] – *Irrrrraaaa!*

Diz o outro: – *Hiiih! Atão? Doeu muito?!*

[Genro:] – *Doeu muito?! Não, ãh! Na’! Na’ dói! Na’ dói muito...*

Foi o outro. Puseram aquilo, outra vez, ao lume. Foi o outro.

[Príncipe:] – *Vá! Baixe a calça!* – Abaixou as calças. (...)

[Genro:] – *Irrraaaa! Que na’ doía!*

Bom e ele entregou-lhes o estandarte. Vá o homem pegou no estandarte, levaram... Eh! O rei! O rei ficou todo satisfeito! Ficou satisfeito, faz um jantar pra ele e pròs conselheiros. Um jantar que brindou tudo. Mas convidou o Pele de Burro.

Ali, antes da hora de comer, um bocado [antes], diz para a mulher:

– *Veste-te e vai lá ao almoço do teu pai.*

[Princesa] – *Oh! Atão o meu pai não quer que vá!*

[Príncipe:] – *Vá! Vai lá, que eu também vou!*

Nisto ela foi. Subiu as escadas, o pai viu-a:

[Rei:] – *Atão! Ai ... (...)* – Começou a *franzir a venta*(41).

Daí a bocado, já as pessoas ‘tavam à mesa, ele abala...

[Príncipe:] – *Valha-me o meu cavalo vermelho!*

[Cavalo vermelho:] – *O que é isso que se quer?*

[Príncipe:] – *Quero uma vestimenta vermelha e que vá fazendo resplendor* – príncipe, era um príncipe! – *E não haja ninguém que faça uma figura como a minha!*

Mas que ele chegou ao palácio... ‘Tavam na guarda... Nos portões ‘tavam guardas... (...) Chegaram... O príncipe... Na’ sequer disseram nada. Ele chegou, eles desviaram-se prò lado.

‘Tavam assim numa sala grande, com uma janela para cá, faz aqui resplendor. Diz o rei:

– *Eh Jesus! (...) Parece que fez um relâmpago!*

Diz-lhe ela assim:

– *Na’ se assuste papá, que é o meu marido!*

Ele lá entrou. O rei ajoelhou-se além, diante dele, a pedir-lhe perdão.

[Rei:] – *Perdão!* – Perdão do que lhe tinha feito.

E ele na’ tinha culpa e ele disse:

– *Levante-se Real Majestade! Que eu também sou* – ele também era rei! E ele disse... Era só quem que era o herdeiro da coroa. Bom...

[Rei:] – *Vá! Sente-se aqui!*

Sentou-se logo ao lado direito do sogro. Ficou já ele (é que era, é que era o rei, ou o rei e aquele era preso) era ele que tinha direito a herdar a coroa.

‘Tiveram almoçando. Tudo muito prà ‘qui, muito pr ‘àli...

[Príncipe:] – *Vá! Agora um caso!* – E sorriu. – *Vá! Agora um caso! Cada um tem que contar o seu caso!*

Chega lá à altura dele, de ele largar a contar o caso, diz:

[Príncipe:] – *Olha, eu também tinha um caso pra contar.* – Quando chegou à altura dele de contar.

[Rei:] – *Atão conte lá! Conte lá!*

Começa ele:

– *Quando o nosso sogro adoeceu, que esteve muito mal, precisou do remédio – o purgante de óleo de rícino. Aos meus cunhados deram-lhe cavalos bons e a mim entregou-me um cavalo coxo e uma espada ferrugenta!*

[Rei:] – *Eh, perdão! Perdão! Perdão! Perdão! Peço perdão por tudo, que eu na' tive culpa...*

[Príncipe:] – *Pois... Mas, atão, e...E quanto é que custou esse purgante?*

Começam eles:

– *Eh... Eu precisava de ir ali ao W.C., à casa de banho.*

Diz o rei – que o conto é assim:

– *Querem cagar, caguem aí na cadeira! Daqui, na' se levanta ninguém! Daqui na' se levanta ninguém! Aí, quietos!*

[Príncipe:] – *Quanto é que custou?*

[Rei:] – *Na' sei, atão, os meus genros é que pagaram!*

[Príncipe:] – *Façam favor, eles que lhe digam! Sabe quanto custou? – Meteu a mão à algibeira. – Custou isto! – Mostrou-lhe as duas prendas.*

[Rei:] – *(...) Eles fizeram isso?! Ah, ladrões! É o mesmo que dessem as mulheres! É o mesmo que tivessem dado a elas! – Foi o que lhes disse o pai.*

[Príncipe:] – *E quando foi da invasão, que lhe roubaram o estandarte. Quem é que ganhou o estandarte?! Quanto é que custou esse, esse trabalho?*

[Rei:] – *Eu na' sei...*

[Príncipe:] – *Faça-lhes... Tirem-se lá as mulheres! – As mulheres tiraram-se. – Diga lá aos seus genros que abaixem as calças! – Foram lá, baixaram as calças.*

[Rei:] – *Eh! ... Rua! Que eu na' quero *gato borrado*(42) aqui ao pé! Rua, que eu na' quero gato borrado aqui em minha casa!*

Comeram, puseram-nos na rua. Mandou-os lá pra, pra onde eles quisessem... Foram-se embora e as mulheres. Foram-se embora! E entregou-lhe a coroa!

[Rei:] – *Agora, ficas. Ficas tu sendo o rei desta nação.*

Ficou ele sendo o rei que o sogro entregou-lhe a coroa. Depois, passaram ali já uns meses, assim uns mesezinhos, diz ele pra mulher que o pai era rei noutra nação. Diz ele:

[Príncipe:] – *Olha, agora vamos a visitar o me' pai e minha mãe. Se ainda estiverem vivos...*

De maneira que foram. Escreveu prò rei mandando a dizer que o rei que o ia a visitar. Mas ele não sabia quem era o rei, não conhecia (nem o sogro, nem a ele)! Era o rei daquela nação que ia a visitar o rei – fazer uma visita. Bom, o rei ficou todo satisfeito do outro rei o querer ir a visitar, ficaram muito satisfeitos.

Fez que abalaram. Quando chegou o dia combinado, abalaram. Ele e a mulher, a rainha, a visitar o pai e a mãe. Chegaram lá, muita festa, pra festa e, e coisos, os... A mesa com bolos e muita coisa de comer... Quando acabaram de comer – ao jantar, à noite –, quando acabaram de jantar, diz-lhe o príncipe:

[Príncipe:] – *Estranho, estranho uma coisa! Atão, Sua Real Majestade, na' tem herdeiro à coroa? Estranho serem só os dois sozinhos... Na' falam... Na' têm...*

Oh! Começaram logo a chorar! O pai e a mãe.

[Rei:] – *Eh! Tanto eu não pensasse...!*

E ele, quando foi na visita, levou um baú (que usavam uma mala), um baú grande. Levou com a roupa toda.

[Rei:] – *Oi... Na' fales nisso – e tal...*

[Príncipe:] – *Atão?*

[Rei:] – *Olhe, estou sozinho porque eu 'tive a culpa! Eu fui o culpado! Eu tinha um filho! Tinha um filho – passou-se isto *assim e assado*(43) – e o meu filho os bichos comeram-no! Gastei uma fortuna à procura dele, na' fui capaz de o encontrar!*

[Príncipe:] – *Atão, mas se você não o encontrou, o seu filho até pode ‘tar vivo!*

[Rei:] – *Na! Na’ está! Oh, atão, já alguém me *tinha dado norte dele*(44)!*

[Príncipe:] – *Atão, mas se não o encontraram nem vivo, nem morto, pode estar vivo! Olhe preciso de ir ali ao, ao quarto. Preciso de ir ali ao quarto. – Ao quarto onde ele estava!*

[Rei:] – *Vai lá. Vai.*

O filho foi lá, vestiu-se com a farda da caça. (...) Com a farda da caça e a cartucheira(45), espingarda e tudo. Apresenta-se lá no salão.

[Príncipe:] – *Então será este o seu filho?*

Eh! O pai caiu para um lado e a mãe caiu para o outro!

[Rei:] – *É meu filho da minha alma!*

Depois soube. Depois ele teve-lhe a contar o conto, o que se passava. ‘Tiveram ali um mês ou dois, depois, abalaram prò palácio dele. E depois ela teve uma criança.

Até me mandou a convidar para ir ao baptismo mas, mas eu *na’ tinha vagar*(46). Estava coxo, na’ fui!».

Francisco Galamba, 84 anos, Ficalho (conc. Serpa), Fevereiro 2004.

Glossário:

- (1) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa “então”.
- (2) **Na’:** abreviatura oral de “não”.
- (3) **Companha:** companhia.
- (4) **Prò:** abreviatura oral de “para o”.
- (5) **Abalou:** foi-se embora.
- (6) **A cavalo no seu cavalo:** montado no seu cavalo.
- (7) **Além:** acolá.
- (8) **Gatuno:** ladrão.
- (9) **A gente:** subentende-se o sujeito “nós”.
- (10) **A’ pois:** depois.
- (11) **Tocador de gado:** ofício daqueles que eram contratados, por quem tinha animais, para levarem gado através dos campos até às feiras (onde seria vendido).
- (12) **Barranco:** lugar cavado por enxurradas ou por outra causa; escavação natural.
- (13) **Chibos:** cabritos ou bodes novos.
- (14) **Tenho que me deitar à vida:** tenho que me sujeitar e trabalhar.

Transcrições integrais / Serpa / O Pele de Burro

- (15) **Guisado (de borrego):** refeição geralmente de carne, no caso, de carne de borrego, preparada com um molho bem temperado e alimentos refogados e depois cozinhados com um pouco de água e, por vezes, com vinho.
- (16) **Alforge:** saco com dois compartimentos de trazer ao ombro ou sobre a montada.
- (17) **Porem-lhe/porem:** puseram-lhe; puseram.
- (18) **Brada:** chama em voz alta.
- (19) **Me'ma:** abreviatura oral de "mesma".
- (20) **Canastras:** Cestas largas e baixas, com ou sem tampa, de verga.
- (21) **Arriando a calça:** = descendo a calça, defecando.
- (22) **Sardineiro:** homem que vende sardinhas.
- (23) **Pai dos meus filhos:** no caso, o burro é vital para proporcionar o sustento dos filhos do sardineiro.
- (24) **Como é que eu agora me governo?** Como me arranjo? Como oriento economicamente? Como administro?
- (25) **Apare o chapéu:** segure o chapéu (com a copa, a parte que cobre a cabeça, voltada para).
- (26) **Curtir a pele:** processo que visa a conservação da pele – torná-la imputrescível e mais branda – através da sua demolha num líquido apropriado (água com casca de árvore moída ou substâncias químicas).
- (27) **Alfaiate:** aquele cujo ofício é confeccionar vestuário masculino (principalmente fatos).
- (28) **Jardineiro:** aquele cujo ofício é semear, plantar, podar e regar as plantas de um jardim.
- (29) **Encascado:** já com casca criada, já duro à superfície.
- (30) **Assim-assim:** nem muito nem pouco.
- (31) **Entremeio:** intervalo de tempo entre dois eventos.
- (32) **Espojeiro / espojando:** no caso, fica deitado, recolhido num local que proporcione descanso.
- (33) **Leve à rojo = leve ao rojo;** leve de rastos; arraste.
- (34) **Faça resplendor:** que brilhe fortemente.
- (35) **Purgante de óleo de rícino:** preparação farmacêutica que visa a eliminação de impurezas do corpo, no caso, um óleo extraído das sementes da planta arbustiva rícino (também conhecida como bafureira, carrapateiro, mamona e mamoneiro).
- (36) **A aviar:** a preparar e vender o medicamento prescrito.
- (37) **Estão lá às sopas:** estão a viver à custa.
- (38) **Amontou-se:** montou-se.
- (39) **À de um ferreiro:** expressão do Alentejo que se significa "ir à casa de alguém", no caso, à oficina de um ferreiro.
- (40) **Nalga:** termo popular para designar nádega.
- (41) **Franzir a venta:** franzir o nariz.
- (42) **Gato borrado:** pessoa covarde, medrosa e desprestigiada.
- (43) **Assim e assado:** desta e daquela maneira.
- (44) **Tinha dado norte dele:** tinha revelado o paradeiro.
- (45) **Cartucheira:** Bolsa em forma de cinto para guardar cartuchos de arma de fogo e que se leva à cintura ou a tiracolo.
- (46) **Na' tinha vagar para:** não tinha tempo livre necessário para.

Para a execução deste glossário consultaram-se os seguintes websites: <http://www.ciberduvidas.com>; <http://www.priberam.pt>; <http://acll.home.sapo.pt/portugues.html>; <http://www.infopedia.pt>; <http://www.cmborba.pt>; <http://correiasemadelaideiros.blogspot.com/>; <http://www.cpihts.com/PDF/Irene%20Ferreira.pdf>; <http://www.casota.org/expressions/expression/index.php?id=394>; <http://janeirodecima.free.fr/images/blog/Contos%20Mitos%20e%20Lendas%20da%20Beira.pdf>; <http://aulete.uol.com.br>; <http://motoxaparros.webs.com/comodizquedisse.htm>; <http://www.scribd.com/doc/13560098/Mais-Olhos-Que-Barriga-Tese-de-Mestrado>